

Uma casa de pensamento e ação

Os primeiros tempos: Edmar Terra Blois e Sávio Antunes

Luiz Fernando Rocha
Ferreira da Silva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, NT., FONSECA, CMO., and SANTOS, PRE., orgs. *Uma escola para a saúde* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. 268 p. ISBN 85-7541-047-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PARTE II

UMA CASA DE PENSAMENTO E AÇÃO

5. OS PRIMEIROS TEMPOS: EDMAR TERRA BLOIS E SÁVIO ANTUNES

Luiz Fernando Rocha
Ferreira da Silva

*Se não houver o heróico e o romântico
no pano de fundo do sagrado, a vida é
entediante, morna, sem graça.*

(Dos cadernos de Teologia do Abade Schultz)

Os primeiros tempos eram sem dúvida de *Cavalgadas em terras de mouro*. Tempos de audácia, acima da burocracia. Inovava-se, criava-se.

Dois figuras pontificavam. *Edmar Terra Blois* era o presidente da então Fundação Ensino Especializado de Saúde Pública (Fensp). Segundo relato próprio, freqüentou a Universidade da Lapa e recebeu seu diploma da nossa querida e saudosa Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, na Praia Vermelha. Ainda estudante de quinto ano, freqüentou o curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz, exigência da época para em seguida graduar-se sanitaria. Foi aluno do curso de sorologia do professor *Khan*, diretor do Instituto de Análise e Pesquisa da Santa Casa e ainda professor titular de medicina preventiva da Escola de Ciências Médicas de Volta Redonda.

Sávio de Albuquerque Antunes era a eminência parda. Cultura ampla e invejável, sensível, sempre capaz de opinar com segurança nos assuntos mais diversos. Era especialista em cultura geral. Espírito inquieto, nunca chegou a terminar um curso superior. Escola Politécnica até o terceiro ano. Curso de Física, até o segundo. Profundo conhecedor de matemática e estatística, recebeu o título de Estatístico, quando da fundação da Escola Superior de Estatística, pelo reconhecimento de seus méritos. Além disso, grande entendido em ciências sociais.

Foi proprietário de um *sebo*, que, como era de se esperar, foi a falência: Livraria Rodolfo Coutinho, em homenagem a seu mestre. Vendeu máquinas agrícolas. E costumava comentar a sua viagem-aventura a convite de *João Alberto*, então ministro, durante a segunda guerra, levando gente para a Amazônia, para o trabalho de extração da borracha.

Era a ele que recorriamos muitas vezes, antes de chegarmos ao *Blois* com alguma reivindicação ou idéia nova. Foi muito o que com ele aprendemos ao longo dos anos de convivência diária. Há muito de *Sávio Antunes* nessa casa.

Encontro o passado da nossa história quando, em 1813, os *Estudos de Medicina e Cirurgia* do Rio de Janeiro incluem as lições de higiene, etiologia, patologia e terapêutica, sendo professor o dr. *Vicente Navarro de Andrade*, o Barão de Inhomirim, que, segundo Sigaud, *exerceu as suas funções como os mestres mais distinguidos do seu tempo de Edimburgo, Paris e Montpellier*.

Era o início do ensino da higiene entre nós.

Em 1917 e 1918 o curso de Medicina Pública preparava profissionais para as atividades de Medicina Legal e Saúde Pública. É, entretanto, em 1925 que a chamada Reforma *Rocha Vaz*, por inspiração de *Carlos Chagas*, então diretor geral do Departamento de Saúde Pública, cria a especialização em saúde pública com o curso de Higiene e Saúde Pública, anexo à Cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1940, esse curso é transferido para o Instituto Oswaldo Cruz.

Em 3 de setembro de 1954 cria-se a Escola Nacional de Saúde Pública.

Finalmente, a 7 de junho de 1966, a lei n. 5017 autoriza o poder executivo a instituir a Fundação Ensino Especializado de Saúde Pública, a obra de *Edmar Terra Blois* e *Sávio Antunes*.

O primeiro Conselho Departamental que se reunia sob a presidência de Blois, empossados a 26 de janeiro de 1967, tinha a seguinte composição:

- Departamento de Ensino: Professor *Sávio de Albuquerque Antunes*;
- Departamento de Ciências Biológicas: Professor *Luiz Fernando Rocha Ferreira da Silva*;
- Departamento de Ciências Sociais: Professor *Sérgio Luiz Silveira de Lemos*;
- Departamento de Epidemiologia: Professor *Nelson Luiz de Araújo Moraes*;
- Departamento de Metodologia do Planejamento: Professor *Oswaldo Lopes da Costa*;
- Departamento de Saneamento: Professora *Szachna Eliaz Cynamon*;
- Departamento de Administração de Saúde: Professor *Bichat de Almeida Rodrigues*;
- Departamento de Estatística: Professor *Maurício de Pinho Gama*.

Em 1966, recém-transferido da Universidade para a Fensp, *Blois* me chamou no escritório e disse: ‘*Luiz Fernando, você vai me representar na reunião de Salvador. Prepara uma apresentação da nossa Escola, capricha*’. Habitado com reuniões científicas, não me preocupei e parti para a Bahia.

No primeiro dia da reunião, é que entendi que se tratava de algo bem diferente do que eu imaginava. Era uma reunião do Ministro da Saúde, então *Raimundo de Brito*, com os secretários de Saúde do Nordeste, e o tema, distribuição de verba. Eu deveria, substituindo *Blois*, assessorar o ministro durante os debates.

Era realmente uma situação bastante desconfortável. Fui salvo pelo Professor *Achiles Scorzelli Junior* que também fazia parte da equipe do ministro. Tinha sido meu professor e, conhecendo-me bem, disse em voz baixa: ‘*Luiz Fernando, senta aqui do meu lado, que eu te dou as dicas*’. E graças a ele, tudo correu bem.

Foi a minha primeira participação em debate político.

Tento recompor, com algumas anotações esparsas que *Natalina*, minha eterna secretária, guardou até hoje e com o que sobrou na memória, o que era a Fensp em 1966.

Os dois últimos andares, oitavo e nono eram alojamento para alunos e professores visitantes. De acordo com os padrões da época, um andar para as moças e outro para os rapazes. E com fiscalização intensa. Cada alojamento era constituído de um dormitório e de uma sala para estudo. Constam das minhas anotações que se dispunha então de 108 vagas.

No sexto andar, estava o Departamento de Ciências Biológicas com os laboratórios para ensino e pesquisa de Microbiologia e Parasitologia. A aparelhagem mais moderna foi comprada, para que se pudesse funcionar em alto nível. No quinto andar, o Laboratório de Engenharia Sanitária. O quarto andar, como até hoje, aliás, foi todo ocupado por salas para aulas teóricas. A administração geral e a administração de ensino até hoje estão localizadas no terceiro andar. No primeiro andar, o anfiteatro Achilles Scorzelli Junior com capacidade para 300 pessoas, e decorado com mural projetado por equipe vencedora de concurso ao qual compareceram 42 artistas entre nacionais e estrangeiros. Ainda no primeiro andar, a Biblioteca Lincoln de Freitas Filho.

Os alunos vinham do Brasil inteiro, além de São Paulo, naturalmente. Era o único curso de Especialização em Saúde Pública. No segundo andar, o refeitório, servido por garçom de paletó branco impecável e gravata borboleta preta. Louça de excelente qualidade. E tudo por conta da casa, inclusive bolsa para os alunos e passagem de ida e volta de avião. Automóvel com *chaffeur* para os chefes de departamento.

Encontro ainda as seguintes anotações de época:

“A construção do biotério, das estações experimentais para o ensino de tratamento de água e esgoto, bem como as áreas de recreação deverão estar concluídas até março de 1967.

A Unidade Sanitária Germano Sinval de Farias foi construída anexo ao edifício da Escola. De tipo urbano ela deverá atender a uma população de 30.000 pessoas em área constituída pelos seguintes universos: Favela, Área industrializada e Área residencial e comercial.

No momento realizam-se levantamentos das condições socioeconômicas, de saúde e saneamento das áreas.

A escola possui ainda já em funcionamento, uma Unidade Sanitária tipo rural, localizada em Jacarepaguá, atendendo a uma população de 11.000 pessoas, operando em convênio com o Sesp e com o governo do Estado da Guanabara.

No primeiro ano, os cursos ainda eram separados pela profissão de origem. Os cursos básicos constavam de matérias essenciais para a compreensão dos diversos problemas de saúde pública. Assim, os cursos Básico de Saúde Pública para médicos, Básico de Saúde Pública para enfermeiros, para veterinários, para farmacêuticos e para dentistas. E os cursos de especialização que compreendiam o ensino da diversificação do campo da saúde pública, como leprologia, saúde mental, arquitetura de unidades médico sociais, técnicas de laboratório, organização e administração hospitalar, fisiologia clínica e sanitária, educação sanitária e odontologia sanitária.

De anotações de época: “O curso de Especialização em Educação Sanitária, de nível superior, constitui uma experiência nova em nosso país e foi aberto a profissionais egressos das ciências biológicas, sociais, de psicologia e educação. Esse curso já se encontra em realização e conta com a presença de 15 alunos”.

Os cursos de nível médio visavam à preparação de pessoal auxiliar, como inspetor de saneamento, visitadora sanitária, práticas de laboratório etc. Já começavam também os cursos descentralizados. Em Belém, Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre, o curso de Atualização em Técnicas de Saúde Pública para médicos de duração de dois meses em tempo integral.

Uma Escola, na sua concepção maior, é constituída por um grupo de pessoas, que cria conhecimento e transmite esse conhecimento a outros. Estabelece uma linha de pensamento, uma proposta de soluções para determinados problemas. Os discípulos, recebidas as informações, desenvolvem a capacidade crítica e diante de novas vivências, complementam, desenvolvem ou contestam as idéias vigentes.

Frei *Pedro*, preocupado com a educação do jovem Imperador, escreveu: *“Que meu Augusto Pupilo seja versado nas ciências e nas artes e também nos ofícios mecânicos”.*

A nossa Escola tem sido uma casa de pensamento e ação, com fundamentação teórica ampla, do nível molecular ao social, com um objetivo prático claro, melhores condições de saúde para a população.

E quis o destino que fosse aqui, na modesta estação de Mangueiros, onde no início do século XX, *Oswaldo Cruz* fundava o Instituto, cujo nome correria mundo, elevando tão alto a nossa ciência, que se implantasse a Fundação Ensino Especializado de Saúde Pública.

Surgiram ambas de necessidades concretas da nossa realidade. O primeiro, para a produção de soro e vacina contra a peste; o segundo, para o preparo de mão-de-obra para a saúde pública. Surgiram ambas da capacidade de realização de homens que não se curvaram às fórmulas convencionais.

Abriu-se, em ambos os casos, um leque de possibilidades bastante amplo. No Instituto, se fizeram estudos básicos de zoologia, hidrobiologia, química, botânica etc. Na escola, estudos de ciências sociais, política, história e até paleoparasitologia.

Oswaldo construiu o seu castelo com verba desviada da saúde pública. E com fausto, com tijolos de Marseilhe, louça inglesa, azulejos portugueses. Tudo importado. “*O templo da ciência deve ser faustoso*”.

Blois fez a abertura dos cursos da Escola, tendo a seu lado na mesa, não as autoridades costumeiras, mas uma bela jovem de minissaia bem curta e generoso decote. E quando alguém vacilava diante de um desafio, gostava de dizer: “*Lembrem-se sempre das palavras de Danton no tribunal: audácia, mais audácia, sempre audácia*”.

Contava *Pedro Calmon* que, na guerra da independência, na Bahia, com os brasileiros já quase derrotados, o comandante manda ordem ao corneteiro. ‘Tocar a retirada’. Mas por qualquer razão em vez de retirada, ela toca: ‘Avançar a degola’. Foi por isso que venceram.

É preciso conhecer o Brasil, disse *Sávio* certa vez. E vamos começar pelo rio São Francisco. Prepara-se a caravana que sai do Rio e vai terminar em Recife com um seminário no Instituto Joaquim Nabuco. *Sávio* é o comandante da expedição. Durante a viagem, pontifica com seus conhecimentos de geografia, história, agricultura e economia etc. Sem dúvida, aprendeu-se muito, tanto alunos, como os professores mais jovens.

Decidida no sábado à tarde, partiu-se no domingo. E tudo deu certo. O tempo de planejamento era mais que suficiente.

Assim era, naqueles tempos.

Mais de uma vez levei lista de compras ao *Blois*.

“*Santoro*”, gritava ele para o administrador. “*Isso é para o Dr. Luiz Fernando, e eu quero tudo aqui amanhã*”. E acreditem ou não as direções atuais, no dia seguinte estava tudo no laboratório.

Nas velhas anotações, encontro: “*O ato constitutivo da Fundação e seu estatuto elaborado pelos professores, Achilles Scorzelli, Manuel José Ferreira, Rinaldo de Lamare, José Roberto Ferreira sob a presidência de Edmar Terra Blois e com assistência jurídica do dr. Cid Heráclito de Queiroz já estão prontos*”.

O Estatuto da Fundação reflete as modernas tendências do ensino, da pesquisa e da administração, atendendo, por um lado, as exigências universais dos critérios científicos e técnicas, e, por outro, através de seus termos, pode-se verificar que se está atento à realidade nacional.

*Não faltaram cristãos atrevimentos
Nessa pequena casa lusitana
De África tem marítimos assentos
É na Ásia mais que todos soberana
Na quarta parte nova os campos ara
E, se mais mundo houvera, lá chegara.*

(Os Lusíadas)